

## CARTA PEDAGÓGICA

Rhian Vilar da Silva Vieira.<sup>1</sup>

Palavras-chave: Educação popular. Educação não formal. Extensão universitária. Interdisciplinaridade.

Porto Alegre, 09 de fevereiro de 2023

Estimados/as educadores/as e todos membros da sociedade em geral, para além dos muros da universidade,

Gostaria de relatar sobre minha experiência como aluno de pós-graduação entre 2019 e 2021, na atividade de extensão e divulgação científica “Ciência na Praça” desenvolvida pela Associação de Pós-Graduandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (APG-UFRGS) e Seção Sindical ANDES/UFRGS em parceria com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFRGS (PROPG-UFRGS) e Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) em espaços não formais do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O relato faz referência a importância de criar uma via de mão dupla que permita o encontro entre o processo de produção científica gerado em programas de pós-graduação para com o público em geral, tendo na extensão universitária a ferramenta de articulação do processo dialético que permita da simples troca de saberes (acadêmicos e populares) à democratização do conhecimento acadêmico, e por fim a construção integrada e coletiva da ciência (Souza et al., 2018).

O contexto de surgimento do “Ciência na Praça” remonta ao ano de 2019, e ao transportar o leitor a esse período quero lembrar a situação problemática que vivíamos na ciência brasileira, já que no referido ano os orçamentos das instituições públicas e dos órgãos que financiavam a pesquisa no país eram alvo de cortes, bloqueios e contingenciamentos agressivos sob o parâmetro da citada “austeridade fiscal”. Mais do que o aspecto financeiro, a crise de confiança era um das principais problemáticas (e ainda é), por meio do discurso governamental da época que simulava uma crise orgânica dos órgãos acadêmicos, havia estimulação direta a polarização por meio de nefastas notícias falsas e teorias da conspiração difundidas amplamente por meio de redes sociais, que formavam uma conjuntura que unia

---

<sup>1</sup> Estudante de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## CARTA PEDAGÓGICA

grupos com manifestações embasadas em crenças preestabelecidas com aqueles que possuíam interesses políticos e econômicos tendenciosos.

Esse cenário levantava um importante alerta a comunidade universitária, em especial a Pós-Graduação como setor forte de geração, produção e propagação de conhecimento, ou seja, era iminente a necessidade de abrir as portas ao debate franco com a sociedade, com total transparência, reconstruindo as bases dialéticas com objetivo de promover a legitimação social, ou do contrário o afastamento ampliaria o abismo entre universidade e sociedade, abrindo espaço para o negacionismo. Além disso, o contexto expunha a necessidade das instituições públicas de ensino de refletirem criticamente sobre o seu objetivo e impacto social, do ponto de vista da acessibilidade às diversas camadas sociais. De modo, a não atuar como um órgão reprodutor de desigualdades, atuando em semelhança à lógica neoliberal e a serviço do mercado, ou mesmo como espaço de ocupação e afirmação de pretensas “elites intelectuais” apartadas da realidade materialista histórico-dialética.

Sendo assim, a atividade de extensão “Ciência na Praça” fundamentou-se nos parâmetros da Política Nacional de Extensão, especificamente quatro bases: (1) Impacto e transformação; (2) Interação dialógica; (3) Interdisciplinaridade e (4) Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (SESu/MEC, 2000/2001). Sendo estabelecido que o objetivo da atividade seria o diálogo com a população sobre as atividades da pós-graduação por meio da participação de docentes e discentes que deveriam fazer a exposição de seu projeto de pesquisa, ensino ou extensão, ou então apresentar seu grupo de pesquisa.

O espaço definido foi um ambiente não formal, a Praça da Redenção, um local público com fácil acesso e ponto de encontro bastante conhecido de lazer e de atividades culturais da cidade de Porto Alegre-RS. Foi considerado para a escolha, o acesso a um público heterogêneo, que viriam a compartilhar experiências entre distintos segmentos da sociedade civil, com potencial para produção de sujeitos autônomos e emancipados, com foco na formação cidadã (Gohn, 2006; 2010).

Em nosso diagnóstico inicial, refletimos muito sobre a consideração de Teixeira et al. (2010) que discutem que “o incentivo ao pensamento científico e tecnológico é um dos principais desafios no início deste século”. E assim havíamos identificado que o problema fundamental que permeava o negacionismo científico e os ataques à ciência à época, era o desconhecimento do que é ciência, dos seus processos de produção, metodologia, avaliação e

## CARTA PEDAGÓGICA

interpretação, sabendo disso, foi estruturado que o “Ciência na Praça” realizaria uma Aula Pública sobre Educação Pública e Ciência.

Dessa forma, o primeiro encontro do “Ciência na Praça” é conclamado pela APG-UFRGS e recebe apoio da PROPG-UFRGS/UFCSPA, sendo difundido por meio do email institucional a todas as coordenações de programas de pós-graduação da UFRGS/UFCSPA e conseqüentemente aos seus docentes e discentes. O evento ocorreu no dia 19 de outubro de 2019, no período das 14:00 às 18:00 horas, tendo início com a apresentação dos pós-graduandos e de laboratórios participantes, sendo expostos pôsteres, materiais didáticos como peças anatômicas e equipamentos de coleta, exposição de experimentos, assim como jogos lúdicos para crianças e adolescentes. Logo em seguida, foi realizada a aula pública que contava com a discussão do que é ciência e como ela funciona, para isso os docentes de distintos programas de pós-graduação explicaram o fato das pesquisas se basearem em métodos, focando em como os resultados são submetidos à avaliação de outros cientistas da mesma área antes de serem publicados, e que mesmo quando publicados os resultados científicos são provisórios e sujeitos a mudança mediante a experimentação e observação futura.

Com o avanço da pandemia de COVID-19 e das medidas restritivas, o projeto não ocorreu em 2020, retornando para a sua segunda edição em 26 de outubro de 2021 novamente em um espaço não formal público e acessível, no Paço da Alfândega em Porto Alegre-RS. O “Ciência na Praça” dessa vez é realizado como parte da ação conjunta da manifestação nacional da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) no Dia Nacional de Mobilização em Defesa da Ciência, que contou com atos em 16 estados e no Distrito Federal. Nesse período, novos cortes orçamentários da ordem de 690 milhões haviam sido realizados no Ministério da Ciência e Tecnologia (MCTI) e no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Dessa vez, o tema principal foi “Quanto vale a Ciência?” Sendo divulgado pela ANPG, e conclamado nacionalmente por universidades e institutos públicos por todo o país, contando com apoio nacional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O “Ciência na Praça” contou adicionalmente com os trabalhos de divulgação de projetos dos docentes e alunos, com a aula pública da Dra. Márcia Cristina Bernardes Barbosa, professora titular do Instituto de Física da UFRGS e membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

## CARTA PEDAGÓGICA

Novamente contou com os alunos de pós-graduação da UFRGS e UFCSPA, e também da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) que se juntaram à atividade. Por fim, foi realizada uma concentração para ato público em defesa da Ciência, na Faculdade de Ciências da Educação da UFRGS.

Observei em nossas exposições do evento Ciência na Praça ao longo de dois anos, diversos diálogos travados com um público de distintas faixas etárias e cognitivas, em que era despertada a curiosidade e o desejo de aprender e discutir sobre a ciência do cotidiano até os níveis mais específicos. A experiência propiciada, que permitia inovar o processo formativo dos discentes de pós-graduação, foi um diferencial do projeto de extensão, promovendo a nossa maturidade, já que havia o desafio de desenvolver e gerar uma práxis pedagógica, didática e dialética que envolvesse o cotidiano de distintos públicos a quem nos remetemos. A construção do discurso deveria ser diferente, dotada de linguagem mais acessível, afastando possíveis jargões, precavendo-se acerca dos possíveis preconceitos sobre os saberes populares.

Quando as questões que motivaram o projeto, é fato que algo semelhante ao observado por Silva et al., (2018) no que diz respeito à falta de clareza sobre a ciência e de seu método por parte do público foi observada, o que pode contribuir para interpretações equivocadas do processo científico e perpetuação do negacionismo. Por isso, a importância do diagnóstico inicial se fez presente, quando considerada a complexidade social e a atual crise de interpretação da produção dos saberes (Santos, 2007), tendo o apoio das aulas públicas atuando sobre essa problemática, provocando e tendo sua estrutura direcionada à reflexão do fazer ciência.

Outro fator que englobava público e apresentadores, situava-se na compreensão do processo educativo como aquele que deve fomentar a socialização, o exercício da cidadania, o combate a desigualdades históricas, a transparência e a multidisciplinaridade, essa proposta assim, demonstrou-se em minha formação pessoal os princípios do que deve ser uma educação pública, da afirmação dos sujeitos e de seu lugar, e como o processo deve atuar como via democrática de progresso científico, educacional, cultural e social.

Isso reforça o fato de que ações como o “Ciência na Praça” são fundamentais para a ampliação dos horizontes da sociedade em geral, enquanto reafirmam a atuação legítima das instituições públicas de ensino e de seu impacto no avanço da sociedade. Finalmente, concluo

## CARTA PEDAGÓGICA

que essa experiência além de promover uma ação pedagógica integradora, que articula ensino, pesquisa e extensão, propicia a vivência e a relação entre saberes no que tange a heterogeneidade de identidades e representações científicas e culturais. O que para mim só reforça a importância de que atividades de extensão se estendam pela pós-graduação brasileira, que deve seguir sendo o motor de formação e de produção científica que é, mas que não deve cometer o erro de esquecer de comunicá-las a quem as financia.

As desigualdades históricas só serão superadas pela união entre estudantes e a classe trabalhadora! Proletarier aller Länder, vereinigt euch!

Cordialmente,

Rhian Vilar da Silva Vieira

### Referências

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo, 2007.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27–38, jan/mar. 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

TEIXEIRA, Jonny Nelson; ALVES, Luis Augusto; MURAMATSU, Mikiya. Comunicações: projeto arte e ciência no parque—uma abordagem de divulgação científica interativa em espaços abertos. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 32, n. 1, p. 171–187, 2010.

SESu/MEC—Secretaria de Educação Superior/Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasília: SESu/MEC, 2000–2001.

SOUZA, Karine Pinheiro de; SILVA, Rafael dos Santos da; ABREU, Pedro Ferraz de. Ciência na Praça: Um diálogo com a responsabilidade e inovação na pesquisa. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 315–340 abr./jun. 2018.